

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DANIELLA RIBEIRO GONÇALVES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

LAGES, SC
2022

DANIELLA RIBEIRO GONÇALVES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário
UNIFACVEST como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Licenciada em
Educação Física.

Aluna: Daniella Ribeiro Gonçalves.

Orientador: Francisco José Fornari Sousa.

LAGES, SC

2022

DANIELLA RIBEIRO GONÇALVES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário UNIFACVEST como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Aluna: Daniella Ribeiro Gonçalves.

Orientador: Francisco José Fornari Sousa.

Lages, SC __ / __ /2022. Nota: _____
(data de aprovação) (assinatura do orientador do trabalho)

Coordenador Francisco José Fornari Sousa

A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Daniella Ribeiro Gonçalves¹
Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

Introdução: O professor de Educação Física deve estar apto a trabalhar na educação básica, com alunos que necessitam de atenção especial em sua aprendizagem, como no caso do aluno autista. **Objetivo:** Pesquisar sobre a atuação do professor de Educação Física com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva e diagnosticada. Farão parte da amostra 5 professores de Educação Física do município de Correia Pinto, SC. Com instrumentos de coleta de dados será utilizado um questionário, válido por 3 profissionais com experiência na área. Os dados serão analisados através de estatística descritiva (f e %) e apresentado na forma de tabelas. **Resultados:** Verificou que os alunos autistas têm desenvolvimento no conhecimento, que eles se socializam com outros crianças. Mas que é necessário o professor estar atento para identificação do nível de autismo, para que possa melhor trabalhar com alunos. **Conclusão:** A partir desses resultados podemos concluir que os professores precisam se qualificar para melhor trabalhar com seus alunos e que é de extrema importância a família estar em apoio para descobrir aquilo que mais chama atenção dos alunos autistas, para melhor trabalhar as atividades, com isso os alunos alcançam progresso no conhecimento educacional.

Palavras-chave: Educação Física. Autismo. Avaliação. Metodologia.

ABSTRACT

Introduction: The Physical Education teacher must be able to work in education, with students who seek special basic attention in their learning, in the case of the autistic student. **Objective:** Research on the performance of the Physical Education teacher with students with Autism Spectrum Disorder (ASD). **Methodology:** This is a field research, descriptive and diagnosed. 5 Physical Education teachers from the municipality of Correia Pinto, SC will be part of the sample. With data collection instruments, an instrument will be used, valid by 3 professionals with experience in the area. The analyzes were analyzed using descriptive statistics (f and %) and presented in the form of data. **Results:** It was found that autistic students have development in knowledge, that they socialize with other children. But that it is necessary for the teacher to be attentive to identify the level of autism, so that he can work better with the students. **Conclusion:** Based on these results, we can conclude that teachers need to be qualified to better work with their students and that it is extremely important for the family to be supportive in discovering what most calls the attention of autistic students, to better work with activities, with This students progress in educational knowledge.

Keywords: Physical Education. Autism. Evaluation. Methodology.

1 Graduanda em Educação Física (Licenciatura) pela UNIFACVEST. E-mail: dani_rg@outlook.com.br

2 Professor Orientador. E-mail: prof.francisco.fornari@unifacvest.edu.br.

1 Introdução

O autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento são transtornos que compartilham déficits na interação social e geralmente aparece nos três primeiros anos de vida, esta síndrome pode ser tratada de acordo com o grau, pode ser classificada como leve, moderada ou severa (MAENNER; SHAW; BAIO, 2020).

Com isso, é preciso buscar uma forma dos professores de Educação Física saber como ajudarem na interação das crianças, para que seja trabalhada a questão motora, a interação com as outras crianças.

A proposta de projeto trata-se de uma pesquisa de campo, ao qual serão entrevistados professores que trabalham com crianças autistas e seus desafios encontrados no dia a dia.

Como a educação é a porta de entrada da escola é importante conhecer as características e necessidades dos alunos com autismo, para entender quais as melhores estratégias para serem usadas nas aulas de Educação Física, pois o profissional de Educação Física possui um papel importante nesse processo de ensino e educação.

O presente projeto tem como objetivo, pesquisar sobre a atuação do professor de Educação Física com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Esse trabalho justifica-se na importância de conhecer como os professores trabalham no apoio e interação do aluno com autismo, assim visando a melhor forma de aplicação da atividade física no dia a dia escolar, trazendo assim a maior interação do aluno com os demais colegas, pois é direito de todos aprenderem, por mais que tenha dificuldade é necessário ter igualdade.

1.1 Objetivo Geral

Pesquisar sobre a atuação do professor de Educação Física com alunos com Transtorno do Espectro Autista TEA.

1.2 Objetivos Específicos

Pesquisar sobre como a Educação Física escolar e a inclusão do aluno com TEA.

Pesquisar sobre a formação do professor para atuar com alunos com TEA.
Desenvolver uma pesquisa de campo com professores de Educação Física.

2 Fundamentação Teórica

A forma como a sociedade interage com as pessoas com deficiência mudou e continua a mudar ao longo da história. Muitos são considerados incompetentes, inválidos, inferiores antes de serem considerados cidadãos com direitos e deveres [...]. Uma sociedade mais amorosa e cooperativa só pode ser vislumbrada se a sociedade for transformada por meio da interação com pessoas com deficiência (LIMA, 2006, p. 27)

Portanto, deve ser descartada a ideia de que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ser marginalizadas pela sociedade, pois têm os mesmos direitos e deveres de todos os cidadãos, o que confere à sociedade uma perspectiva reflexiva e inclusiva e um exemplo de cooperação mútua. em todas as interações sociais.

Um dos assuntos discutidos na sociedade é o Autismo, segundo Santos e Caixeta (2011), crianças com autismo manifestam pelo menos um dos três domínios: interação social; linguagem e comunicação ligada a padrões comportamento restrito, repetitivo e estereotipado.

O diagnóstico precoce é fundamental, pois quanto mais cedo o tratamento for iniciado, maiores a chance de a criança se desenvolver e ter qualidade de vida. De acordo com Jerusalinsky (2017, p. 33): “Há necessidade de detecção oportuna de dificuldades em intervir a favor da Constituição, [...] referindo-se ao melhor diagnóstico para intervenção precoce, 'situação ruim' e nada mais”. Cada criança tem um tipo específico de acompanhamento porque cada um é um indivíduo e dentro do TEA também tem um nível de deficiência de desenvolvimento, razão pela qual cada criança é um indivíduo e requer o envolvimento de uma família e de uma equipe multidisciplinar de profissionais. Ambos precisam ter os mesmos objetivos terapêuticos para funcionar para aquela criança.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem no autismo costuma ser lento e gradual, por isso o professor adapta seu sistema de comunicação a cada aluno. Os alunos devem ser avaliados para atribuí-los aos grupos apropriados, considerando a idade geral, o nível de desenvolvimento e o nível comportamental do PEP-R. Os professores têm a responsabilidade de prestar atenção especial e conscientizar os alunos e as partes interessadas sobre

quem são esses alunos autistas e como eles se comportam (SANTOS 2008, p.30).

Nas escolas, é preciso: "[...] relativizar as atividades propostas, diversificá-las, tratá-las em diferentes linguagens e métodos, ser menos rígidos no tempo, ou seja, entre 'lógica adulta' e 'lógica ingênua'." (FURLAN; LIMA; LIMA, 2019, p.95)

No Brasil, leis, portarias etc., têm sido desenvolvidas para incorporar os alunos especiais ao currículo regular. Segundo a Agência Senado (2018), uma das maiores conquistas do autismo é a Lei nº 12.764 de 2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que foi criada como política nacional de atenção, reconhecendo o autismo como direitos dos direito a uma educação inclusiva para pessoas com autismo.

“É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo garantido a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior.” (LEI 12.764/2012).

Aspectos práticos que o professor carece usar para incluir o aluno autista na escola, conforme (BALBINO, 2010):

A importância da resposta humana;

Usar inteligências múltiplas para fortalecer o ensino;

Invista em uma abordagem positiva;

Estratégias de ensino diversificadas;

Planeje aulas com diferentes estratégias;

Bom Convívio, respeito, empatia, a mesma qualidade de ensino para todos e as mesmas condições de desenvolvimento.

Ser um bom mediador.

Socialização;

Trabalho em equipe.

Desenvolva a autoconfiança e a independência.

Torne a conversa mais flexível.

“Os professores devem orientar sua prática pedagógica para possibilitar a socialização das crianças com autismo em sala de aula e adaptar sua abordagem para atender às suas necessidades.” (SANTOS 2008, p.30)

Em muitos casos, as crianças com autismo acabam ficando à margem do conhecimento ou não se engajando nas atividades, o que exige a sensibilidade do professor para integrá-las o máximo possível ao ambiente à medida que é socializado

e as interações, o desenvolvimento e o estudo (SANTOS 2008).

3 Material e Métodos

O presente artigo é uma pesquisa de campo descritiva e diagnóstica, onde os dados foram coletados em campo, descritos e analisados, sem a interferência do pesquisador (ANDRADE, 2010).

Fizeram parte da amostra 5 (cinco) professores de Educação Física, do município de Correia Pinto, SC. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário, disponibilizado no formato eletrônico via Google Forms, através dos aplicativos WhatsApp e por e-mail.

Os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE) que foi redigido em duas vias (uma via para o participante da pesquisa e a outra será mantida em arquivo pelo pesquisador). O projeto foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário UNIFACVEST, Lages, SC e aprovado com Parecer número 5.803.671.

Os dados analisados de forma descritiva, tendo como base os autores da área. Os professores foram identificados com uma letra maiúscula (P) e um número de ordem.

4 Resultados e Discussão

Tendo como base os dados coletados, dos 5 questionários enviados, foram recebidos 4, sendo que em relação a formação acadêmica todos os professores possuem graduação completa em Educação Física. Destes, 1 possui mestrado e 2 com especialização e 1 com graduação.

Os professores estão todos dentro do Art. 62 da Lei nº9 394 pelo LBDE.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil, oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Outra diretriz que falam da relação dos professores.

A Lei nº 11.502, de julho de 2007, atribui à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a responsabilidade pela formação de professores da educação básica – uma prioridade do Ministério da Educação. O objetivo é assegurar a qualidade da formação dos professores que atuarão ou que já estejam em exercício nas escolas públicas, além de integrar a

educação básica e superior visando à qualidade do ensino público. A Política Nacional de Formação de Professores tem como objetivo expandir a oferta e melhorar a qualidade nos cursos de formação dos docentes.

Os professores serão identificados através de uma letra P maiúscula e um número de ordem.

Em relação ao tempo de experiência e formação continuada, o professor P1 possui 24 anos de experiência no magistério, com nível de formação especializado e tendo formação na área da Educação Inclusiva e na área do TEA.

O professor P2 possui 5 anos de experiência no magistério e formação na área da Educação Inclusiva.

O professor P3 possui 30 anos de experiência no magistério, possui mestrado, e formação na área da Educação Inclusiva.

O professor P4 possui 20 anos de experiência no magistério, possui especialização e formação na área da Educação Inclusiva.

As escolas e os professores têm um papel fundamental na implementação de programas de trabalho que respondam às necessidades imediatas dos alunos, e um trabalho com significativa formação de consciência será sustentado nas reais necessidades dos alunos, pois é através desta ferramenta que as pessoas conhecem práticas e atitudes cívicas. Está mais de acordo com a identidade da escola. Cambi (1999) reiterou que a formação deve começar desde cedo, quando a mente ainda não está “ocupada e poluída com pensamentos vãos e costumes mundanos”, e deve ser realizada em instituições escolares. Fica evidente a necessidade de estimular a leitura e transformar as práticas pedagógicas, pois não só o conteúdo curricular é importante, mas também o cotidiano dos alunos que frequentam a escola em relação ao conhecimento vivencial, pois é de grande valia para sua formação escolar, profissão, A sociedade, portanto, sua vida como cidadão autônomo.

Pela Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205, define que: “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Os professores foram questionados sobre os cursos de formação na área da educação inclusiva e sobre a formação relacionada ao TEA. O professor P1 compartilhou que enfrenta dificuldade de não tem cursos ofertados pelas escolas públicas para preparação dos professores. Os Professor P2, P3 e P4 não possuem formação na área da educação inclusiva.

Adequação curricular é flexibilizar o acesso e poder acessar as diretrizes estabelecidas pelos cursos regulares. Não é formular novos planos curriculares, mas estabelecer um currículo dinâmico, mutável e expansível que realmente atenda a todos os alunos. Isso é fácil alcançar quando a escola tem um profissional de sala de recursos que auxilia no planejamento da conduta docente e do que os alunos têm a aprender. A flexibilização curricular é uma forma de criar vínculo e cumplicidade entre pais e educadores, para que no espaço escolar surja entre educadores e famílias uma coesão de vontade de construir competências para a educação de alunos com autismo. Diante dos desafios que as crianças com autismo enfrentam ao ingressar nas escolas formais, essa revolução estrutural aconteceu por meio da gestão curricular (VALLE; MAIA, 2010).

Sobre se tem ou tiveram alunos com TEA e se estes possuem diagnóstico médico todos os professores entrevistados relataram que seus alunos autistas tinham laudo, atestando o nível de autismo. Segundo o neurologista Dr. Marcelo Masruha em um dos seus artigos de 2022, relata que o laudo deve incluir: "[...] o diagnóstico (incluindo a extensão da lesão, se possível), o CDI e, se necessário, as indicações para o tratamento". É importante incluir áreas em que há comprometimento, como atrasos nas habilidades motoras finas ou na fala, comuns nessa condição.

Qual é a maior dificuldade na adaptação do aluno com transtorno do espectro autista? Para o professor P1 é necessário ter uma atenção maior, para identificar as habilidades e planejar aulas conforme a necessidade do próprio aluno. O professor P2 comenta que a maior dificuldade em relação aos alunos autistas são as adaptações necessárias aos alunos, que precisam de atividades diversificadas para trabalhar com toda a turma. A dificuldade do professor P3 é identificar o nível de autismo do aluno, e como realizar as atividades. O professor P4 relata que a maior dificuldade com alunos é a Interação e Socialização dos alunos dentro da sala de aula.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área (SANTOS, 2008, p.9).

Questionados como despertar o interesse do aluno com TEA para participar das aulas de Educação Física, o professor P2 respondeu que as atividades diversificadas fazem com que os alunos autistas desempenhem grande parte das

atividades com os demais, ou seja, faz com que eles desempenhem desenvolvimento na aprendizagem. Professor P3 é necessário que as atividades tenham caráter lúdico e com foco naquilo que chama atenção do aluno, por isso é preciso ter uma relação com a família para descobrir aquilo que o aluno gosta. Para o professor P4 os alunos despertam um interesse maior, com atividades cooperativas, recreativas e prazerosas, porque se sentem inseridos e socializados com todos.

Algumas estratégias utilizadas para manter as pessoas com autismo em sala de aula são: Valorizar os vínculos afetivos; usar uma linguagem objetiva; valorizar as habilidades individuais; solicitar pequenas tarefas, mesmo que sejam variadas; sempre encorajar; oferecer atividades que estimulem o raciocínio lógico; ajustar currículo, métodos, e processos de avaliação; evitar atividades prolongadas; usar brincadeiras; explorar a vida cotidiana; usar métodos sensoriais; sugerir atividades com base nos interesses dos alunos (LUCKESI, 2005, p. 27).

A metodologia que o P1 utiliza é a construtivista e sócio interacionista, que ajuda na interação de turma, que faz ter uma relação significativa bom com os alunos, ao qual faz a evolução considerável, o professor P2 diz que a metodologia que ele utiliza é trazer atividades diversificadas, que busca prender atenção dos alunos para que se tenha um proveito mais significativo. Em relação ao professor P3, que ele buscar trazer atividades com caráter lúdico, principalmente naquilo que chama mais atenção do aluno. O professor P4, usa metodologia com características que possibilitam maior colaboração e interação entre os alunos e professores, ao qual o conhecimento pode ser mútuo.

Uma Metodologia que poderia ser usado com alunos autista é Prompting que é extremamente importante para ajudar os alunos a se comunicarem funcionalmente; é muito útil para os alunos serem capazes de se comunicar de forma independente. O Ensino/Treinamento por meio de Tentativas Discretas visa alcançar a autonomia em alunos com autismo por meio da aprendizagem roteirizada. E o método de comunicação alternativa ampliada (CAA), aqui representado pelo Picture Exchange Communication System (Pecs), proporciona uma alternativa para a comunicação por meio de trocas de cartões com imagens (GIUSTI, 2018).

Para os professor P1, P2 e P4 os alunos desempenham quase sempre as atividades com os demais colegas, que faz, com que os alunos tenham um desempenho considerável na aprendizagem, porque todos os alunos interagem em um nível bom.

Para o professor P3 os alunos sempre realizam as atividades com os demais colegas da sala, isso faz com a interação e conhecimento sejam eficazes.

O professor P1 relata que os alunos com TEA apresentam evolução significativa durante o período escolar.

Em relação ao professor P2 afirma que os alunos autista eles enfrentam suas limitações, ou seja, faz com que eles tenham evolução no aprendizado. Para o professor P3 as atividades fazem com que atividades apresentam desenvolvimento no conhecimento, e principalmente quando são realizadas com os demais colegas e faz com que aceitação seja aceita por todos os alunos.

Para o professor P4, os alunos demonstram interesse e participação nas aulas, isso faz que o aluno com TEA tenham evolução no aprendizado.

Aprender é uma característica do ser humano. Ensinar e aprender são dois movimentos inter-relacionados na construção do conhecimento. É uma estrutura conversacional, não interpretativa, uma expressão interior da nossa humanidade, que inclui também os aprendizes autistas (CUNHA, 2016, p.15).

Sobre a importância das aulas de Educação Física para inclusão de alunos autista, para o professor P1 é de suma importância as aulas de Educação Física para a inclusão de alunos autistas, pois colabora com a formação das suas capacidades físicas e motoras.

O professor P2 finaliza dizendo que é de suma importância ter aulas de Educação Física para inclusão de alunos autistas, pois colabora na Adaptação, no Desenvolvimento e no raciocínio dos alunos.

Para o professor P3 as aulas de Educação Física são importantes para alunos autista, na socialização com as demais crianças da mesma faixa etária.

As aulas de educação física são importantes pois afetam na formação, trazendo benefícios para saúde mental, corporal, social e psicomotora, na percepção do professor P4.

Por isso é necessário repensar a formação de professores profissionais para que possam trabalhar em diferentes situações e desempenhem um papel fundamental nos programas de necessidades educativas especiais. O treinamento inicial não categorizado deve ser adaptado para cobrir todos os tipos de deficiência antes de iniciar o treinamento especializado em uma ou mais áreas relacionadas a uma deficiência específica (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.27).

Nesta mesma direção, segundo Fumegalli (2012, p.40):

[...] a formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem. É nesse processo que o professor pode ver e rever sua prática pedagógica, as estratégias

aplicadas na aprendizagem dos alunos, os erros e acertos desse processo para melhor definir, retomar e modificar o seu fazer de acordo com as necessidades dos alunos.

5 Considerações Finais

Concluimos o trabalho, verificando a importância dos professores se qualificarem em relação aos alunos autista, para que possam entender as necessidades dos alunos, porque estamos falando no amadurecimento da saúde mental, corporal, social e psicomotora de cada um.

A necessidade de as atividades serem bem preparadas e trabalhadas para que sejam construtivas, diversificadas e sócio interacionais para que os alunos tenham o maior proveito.

A Declaração de Salamanca (1994) afirma que os fatores-chave para o sucesso são escolas inclusivas onde todos os educadores estão devidamente preparados. Recomenda-se que os professores iniciantes recebam orientação para compreender processo de inclusão, ganhando a capacidade de avaliar necessidades especiais, adaptar o conteúdo do curso, a capacidade de usar a tecnologia, Personalização de programas instrucionais e integração com especialistas e pais. Os professores precisam ter o básico e saber incluí-lo os alunos em sala de aula, como adaptar livros didáticos, conteúdo do livro materiais didáticos, e ter as orientações corretas para orientar seu trabalho pedagógico em sala de aula.

Os professores são mediadores essenciais no processo de adaptação e integração dos alunos no ambiente escolar. O professor tinha que estar realmente preparado profissionalmente para lidar com o aluno com TEA. Observe sempre os recursos disponíveis para atender esse aluno. O educador deve sempre se esforçar para alcançar um ensino de qualidade, inovar, aprimorar suas práticas e abandonar aquelas que não contemplam todos os alunos, devendo ainda aderir àquelas práticas que possam ser benéficas, mesmo quando somadas a outras novas práticas. É preciso estar atento aos novos desafios que esses alunos enfrentam e se empenhar em formar pessoas capazes de decifrar a realidade e pensar o mundo de forma complexa e positiva.

É preciso fortalecer a formação acadêmica através da discussão e disciplina sobre educação especial para que docentes têm embasamento teórico no campo acadêmico e colocam em prática na realidade educar. Entender a importância da

inclusão, e a igualdade entre alunos com e sem deficiência.

Referências

ANDRADE, Maria. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BALBINO, E. S. **A inclusão de uma aluna com deficiência visual na Universidade Estadual de Alagoas**: um estudo de caso. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Maceió, 2010. Acessado em 11 de setembro de 2022.

COSTA, Maria Cristiane Alves et al. Autismo na Educação Infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 10, Vol. 17, pp. 05-15. Acessado 10 de setembro de 2022.

CUNHA, Gracielle Rodrigues da; BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Autismo, transtornos do espectro do autismo**. In: CAETANO, Sheila Cavalcante; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dôgo de; MÓDOLO, Marcelo (Orgs.). **Autismo, linguagem e cognição**. Jundiaí: Paco, 2015. Acessado 19 de Novembro de 2022.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado 16 de Novembro de 2022.

FARIAS, Tatiane Nunes Ferreira Santos; MUNHOZ, Thais Batista e Cavalcante Paula Carolina. **Efeitos de Exercícios Físicos em Crianças Autistas**. Pela Universidade FAC UNICAMPS. 2020. Acessado 06 de Agosto de 2022.

FERREIRA, Natália Maria Madureira. **A inclusão de Crianças autistas Educação Física Escolar no Ensino Regular**. Pela Universidade UniCEUB. 2017. Acessado 05 de Agosto de 2022.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** Ijuí, 2012 – Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>. Acessado 16 de Novembro de 2022.

FURLAN, S. A.; LIMA, J. M.; LIA, M. C. Culturas infantis: a reiteração e as concepções de tempo na Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 39, p. 81-98, jan.-jun. 2019. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

GIUSTI, Elisabete. **PROMPT**: esclarecendo as principais dúvidas. Publicado pela Associação Brasileira de Apraxia de Fala na Infância. Disponível: <https://apraxiabrasil.org/textos-sobre-afi/prompt-esclarecendo-as-principais-duvidas/#:~:text=PROMPT%20%C3%A9%20uma%20abordagem%20multidimensio>

[nal,%2Dlingu%C3%ADsticos%20e%20s%C3%B3cio%20Democionais](#). Acessado em 19 de novembro de 2022.

JERUSALINSKY, Julieta. **Nem todo sofrimento na primeira infância é autismo, mas precisa ser tratado favorecendo a constituição.** In. *Autismo e Interfaces da Rede*. C. APPOA, Porto Alegre, ed. 266, jun.,2017, p.32-36. Disponível: www.apboa.com.br/correio/edicao/. Acessado em 10 de setembro 2022.

JUSBRASIL, **Artigo 62 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.** Art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 Jusbrasil. Acessado 13 de Novembro de 2022.

LIMA, P.A. **Educação inclusiva e igualdade social.** São Paulo: Avercamp, 2006.

LUCKESI, C. C. Ludicidades e atividades lúdicas: uma abordagem a partir das experiências Internas. **Nativa - Revista de Ciências Sociais**, nº 2, 2005. Acessado 19 de Novembro de 2022.

MASRUHA, Marcelo. **Diagnóstico de autismo:** entendendo o laudo médico. Editora Jade, 2022.

MAENNER, M. J., SHAW, K. A.; BAIIO, J. (2020) **Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years-autism and developmental disabilities monitoring network**, 11 sites, United States, 2016. Acessado em 30 agosto de 2022.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES, José Correa. **Procedimento de metodologia científica.** 7.ed. Lages, SC.: PAPERVEST. 2014.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo:** um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, E. C. dos; CAIXETA, J. E. Autismo: mediações em tempos de inclusão. In: **CONPE – Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**, 12., 2011, Maringá. Anais... Maringá: UFM, 2011.

SILVA Clodoaldo Matias; NASCIMENTO, Herica Thayse Barboza. Perturbações do espectro do autismo: Uma Revisão Bibliográfica dos Benefícios da Prática de Educação Física em alunos com necessidades educativas especiais. **Pela Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins.** 2017. Acessado 07 de Agosto de 2022.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

WOLKMAR, Fred R.; WIESNER Lisa A. **Autismo:** Guia Essencial para Compreensão e Tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2019.